



Saúde, mulheres e agroecologia *Health, women and agroecology*

SANTOS, Suenya¹; ALVES, Hayda²; SCHOTTZ, Vanessa³ e MAYA, Tadzia⁴.

¹ Universidade Federal Fluminense/Rio das Ostras, suenyasantos@id.uff.br; ² Universidade Federal Fluminense/Rio das Ostras, haydaalves@id.uff.br; ³ Universidade Federal do Rio de Janeiro/Macaé, vanessaschottz32@gmail.com; ⁴ GT Mulheres da AASM, tadziamaya@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O trabalho apresenta uma experiência interdisciplinar de articulação entre as dimensões do ensino, pesquisa e extensão popular na produção de conhecimentos no campo da agroecologia. A metodologia se orienta por abordagens participativas de pesquisa-ação signatárias da educação popular latinoamericana de inspiração freiriana, potencializando o diálogo e a construção coletiva do conhecimento entre os espaços e territórios populares e acadêmicos. Alguns resultados já foram produzidos, como produção do documentário “Saberes que Brotam da Terra”, Caderno de plantas de quintal, artigos e outros que se encontram em gestação. Destacamos que essa caminhada tem sido majoritariamente construída e conduzida por mulheres da academia e dos territórios rurais, dando visibilidade ao seu protagonismo, resgatando e fortalecendo a sabedoria ancestral e popular. As mulheres têm sido protagonistas na defesa da vida em aliança com a natureza, fortalecendo a trilogia saúde, mulheres e agroecologia.

Palavras-Chave: educação popular em saúde; saúde coletiva; meio ambiente.

Contexto

No contexto da pandemia da covid-19, mais precisamente no período da quarentena, o projeto de pesquisa e extensão financiado pelo CNPq/MS “Recomendações Técnicas, saberes e práticas populares no enfrentamento da covid-19 em zona rural” - UFF/RO (2020/2022) articulou uma interseção entre projetos de extensão e núcleos de estudo do departamento interdisciplinar da UFF de Rio das Ostras e do Instituto de Alimentação e Nutrição do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé com trajetórias em territórios rurais.

O Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e o Núcleo de Estudos Culinafro desenvolvem atividades no Quilombo Machadinha (Quissamã), o projeto de extensão Terra, Saúde e Direitos desenvolve ações junto a movimentos sociais acompanhando o Assentamento Projeto de Desenvolvimento Sustentável Osvaldo de Oliveira e o Acampamento Edson Nogueira, sendo ambos organizados pelo MST (Macaé) e o programa de extensão Semeando Agroecologia no campo e na cidade e o projeto de extensão Comida é Patrimônio integram e desenvolvem atividades junto ao Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação de Agroecologia Serramar (Casimiro de Abreu, Rio das Ostras e Silva Jardim).



O referido projeto de pesquisa e extensão teve como objetivo investigar e desenvolver estratégias criativas e inovadoras para prevenção e controle da COVID-19 junto a comunidades rurais, por meio de estratégias de vocação popular, como a pesquisa-ação participativa e a própria educação popular.

Como desdobramento dos trabalhos de pesquisa e extensão acumulados, partilhamos saberes e práticas aprendidas com as mulheres dos territórios e coletivos rurais supracitados, a partir de projetos de intervenção junto a equipe da Estratégia de Saúde da Família (ESF) do Âncora - serviço de atenção primária à saúde localizado em um bairro urbano, periférico e bastante vulnerabilizado do município de Rio das Ostras.

Dessa forma, pesquisadores/extensionistas dos projetos supracitados, docentes e estudantes dos Cursos de Graduação em Serviço Social e Enfermagem, além de trabalhadores da ESF tem se articulado para mobilizar a comunidade do Âncora, dialogar e partilhar práticas e saberes genuínos dos territórios rurais, como possibilidade de contribuir à promoção da saúde.

Estas atividades têm sido realizadas com familiares e responsáveis das crianças da creche municipal Maria Rosa Pinheiro Ribeiro, mais conhecida como creche Tia Didi, localizada no bairro Âncora. Tais práticas estão ancoradas às ações do Programa Saúde na Escola (PSE) de modo a fortalecer a referência e os processos de trabalho de equipamentos públicos locais, o que tende a se refletir no vínculo e continuidade das parcerias junto à Universidade.

Descrição da Experiência

As experiências de ensino e pesquisa e extensão no campo da saúde e da agroecologia, em territórios rurais e em territórios urbanos em situação de vulnerabilidade social, se orientam por uma práxis emancipatória inspirada na educação popular freiriana. Dessa forma, a Educação popular é nosso referencial teórico, ético, político e metodológico, se traduzindo em uma forma de se aproximar da realidade vivenciada em toda a sua complexidade material, cognitiva, afetiva. A abordagem pesquisa-ação, afiliada à educação popular, orienta as experiências de trocas e acúmulos entre os saberes acadêmicos e populares da nossa caminhada.

Nossa experiência envolve diálogos com territórios rurais e produtos de trabalho desde o ano de 2020, quando foi decretada a pandemia da Covid-19. A partir de junho de 2020 até dezembro de 2022 buscamos desenvolver práticas de educação popular e pesquisa-ação participativa em saúde junto a territórios rurais, com a finalidade de mitigar a contaminação pelo coronavírus. Com base em experiências de prevenção e cuidado à saúde no enfrentamento da Covid-19, desenvolvidas a partir do protagonismo das comunidades rurais - que incluem oficinas de plantas medicinais, saboaria natural e mapas de cuidado à Covid - , foi possível sistematizar aprendizagens e produtos do trabalho de pesquisa, os quais temos buscado dialogar junto a territórios urbanos de elevada vulnerabilidade econômica, social e sanitária, evidenciando possibilidades de diálogos e partilhas entre o campo e a cidade.

Entre os produtos desse percurso destacamos: fanzines que ensinam a arte da saboaria natural utilizando óleo reciclado (óleo de fritura) e oficina em acampamento rural; um álbum seriado "Vai-te embora coronavírus" que traduz



conhecimentos técnicos sobre prevenção ao coronavírus e cuidado à saúde a partir de uma linguagem popular, o vídeo "Saberes que brotam da terra" que apresenta essa caminhada de pesquisa com destaque ao protagonismo das mulheres como principais cuidadoras e protetoras de conhecimentos ancestrais articulados ao cuidado à natureza (https://www.youtube.com/watch?v=gp5JY_kFps). O livro "Caderno de Plantas de Quintal" sistematiza saberes sobre plantas medicinais, uma prática de cuidado importante para a identidade dos territórios, e bastante acionada durante a pandemia, em função do aumento do isolamento social.

Já as atividades na Creche Tia Didi foram realizadas em 2022 e 2023, e envolveram Oficinas de xampu e sabonete para tratamento e prevenção de piolho e sarna, elaborados à base de plantas medicinais. A atividade contou com participação de agricultoras do GT Mulheres da AASM (Articulação de Agroecologia Serra Mar), que além de ensinarem, produziram junto com as famílias das crianças da Creche receitas naturais. Esta atividade demonstrou que as memórias de cuidado, mesmo no espaço urbano, estão vinculadas ao uso de plantas, ao cuidado ancestral e geracional feminino, portanto, acena para a importância dos saberes da agroecologia para estreitar espaço, territórios e fortalecer vínculos de cuidado comunitário.

Em outra oficina com o mesmo público participante realizamos oficinas de saboaria natural com óleo reciclado. A intenção da oficina foi discutir a importante relação entre saúde e natureza a partir da agroecologia. Demonstramos que a reutilização do óleo de fritura para fazer sabão, além de ajudar o meio ambiente ao evitar a poluição e descarte desnecessário de um produto ainda útil, também pode promover a economia doméstica e gerar renda (Figura 1). Aproveitamos a oportunidade para discutir sobre o destino adequado de resíduos, poluição e destruição de rios e áreas de preservação ambiental em Rio das Ostras, por meio de uma roda de conversa.

Figura 1: Oficina de xampus e sabonetes para combater piolhos e sarna



Fonte: Acervo do NEA CHAIA



Ao longo do nosso percurso fomos enlaçando conhecimentos e práticas da saúde coletiva e da agroecologia, buscando contribuir com processos de transformação social a partir das comunidades em seus territórios. A publicação da Fiocruz Tecendo Redes de experiências em saúde e agroecologia (2022), revela estratégias coletivas construídas por comunidades e povos tradicionais, movimentos sociais, coletivos, instituições de pesquisa, ONGs, que são atravessadas por temáticas como direito à alimentação adequada, agrotóxicos e transgênicos, arte, cultura e comunicação, mudanças ambientais, água e saneamento, práticas alternativas em saúde, dentre outras. Em síntese:

Experiências em saúde e agroecologia são consideradas desde uma perspectiva ampliada, aberta e em atualização permanente, compreendendo o processo de mapeamento de experiências como um momento de estabelecer diálogos entre saúde e agroecologia para o reconhecimento de convergências, um momento de construção e reconhecimento de identidades e de memória (SOARES et al, 2022, p. 29).

Um elemento que merece reflexão é o protagonismo das mulheres na luta pela vida em sua sociobiodiversidade. Na academia e nos territórios rurais somos quem temos construído e conduzido tais experiências costurando saúde e agroecologia, aliando a sabedoria ancestral como da saboaria natural, do conhecimento e uso de ervas e plantas de quintal, ao saber acadêmico.

Santos e Schottz (2021) destacam que o cuidado com a esfera da reprodução social tem sido secularmente atribuído exclusivamente às mulheres, sendo desvalorizado pela lógica produtiva capitalista. Cabe destacar que tal processo se torna funcional para uma estrutura social que se organiza para a produção de mercadorias, gerando, ao mesmo tempo, acúmulo de capital e pauperismo. Na direção contrária, as mulheres vêm lutando pela liberdade, pelo direito de existir sem opressões, pela natureza, pelo direito à alimentação, à saúde, sendo uma potência na construção de relações sociais solidárias e emancipatórias.

Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

A vida da humanidade está ontologicamente ligada à natureza. A civilização humana, portanto, nossa vida social, tem origem na relação de transformação da natureza, tornando-a nosso meio ambiente para abrigo, alimentação, arte, etc. Na perspectiva marxista, ao transformar a natureza, nos transformamos, criamos novas necessidades, que geram novas transformações, complexificando as relações sociais a partir de uma relação dialética. Esse processo de transformação conforma relações econômicas, culturais, sociais e políticas distintas ao longo da história e em diferentes territórios.

Ao tratarmos do sistema econômico e civilizatório mais recente, a industrialização marca uma ruptura sociometabólica entre homem e natureza, entre humanidade e meio ambiente. Desde então, os bens naturais vêm sendo consumidos como se fossem inesgotáveis, sendo espoliados, depredados, mercantizados. A natureza, em sua biodiversidade de fauna e flora, vem sendo subjugada, dominada, como se os interesses mercantis fossem nossa única escolha civilizatória.

O campo da agroecologia se constitui enquanto movimento social/ prática/ ciência, enquanto práxis que produz conhecimentos, saberes e práticas, questionando



criticamente esse modelo de desenvolvimento. No campo da educação em agroecologia, os princípios da vida, da diversidade, da complexidade e da transformação (ABA, 2013), vêm sendo construídos na práxis social e as experiências na vida cotidiana, e são valorosas no sentido de portarem e traduzirem tais princípios.

As atividades de ensino, pesquisa e extensão aqui compartilhadas representam o exercício dessa práxis. No que diz respeito ao princípio da vida, o cuidado e o afeto protagonizado por mulheres, a relação de sustentabilidade na produção e reprodução social nos territórios, comunidades e instituições se faz presente.

Em relação ao princípio da diversidade, o processo de reconhecimento do território em sua complexidade, sobretudo no contexto da quarentena em função da pandemia da covid-19, nos atravessou pelo aprendizado sobre o conhecimento ancestral, através da saboaria natural e sobre o uso de ervas e plantas medicinais, dominado particularmente por mulheres.

O princípio da complexidade, inspirado no filósofo Edgar Morin, vem sendo vivenciado, sobretudo, nas experiências de pesquisa e extensão popular, envolvendo os sujeitos dos territórios rurais na processualidade da construção de uma relação dialética entre ser humano/natureza. No âmbito do ensino, a experiência é mais recente e percebemos a necessidade de ampliação da reflexão e incorporação nos currículos de metodologias participativas pois portam potência no processo de transformação social. As experiências são orientadas pelo pensamento crítico da realidade, pela valorização de conhecimentos e práticas agroecológicas, com mulheres agricultoras assumindo a coordenação de oficinas sobre saboaria natural. O princípio da transformação orienta nossas experiências, tendo em vista que busca construir uma práxis emancipatória, favorecendo o protagonismo das mulheres a partir de suas vivências, a partir da crítica às formas de opressão e violência sofridas no cotidiano que martirizam suas vidas.

No contexto da curricularização da extensão, a educação popular, por meio de metodologias participativas como a pesquisa-ação, ganha potência por expressar um compromisso teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo com um processo mais amplo de transformação social, com a universidade cumprindo sua função social de ser atravessada pela realidade, acolhendo-a, investigando-a e atuando nas três dimensões do conhecimento, ou seja, no ensino, na pesquisa e na extensão.

Nesse sentido, construímos uma universidade e um projeto de educação que se contrapõe à mercantilização que vem sendo aprofundada por meio de políticas neoliberais. Ao contrário da lógica privatista da extensão, queremos ela junto do povo, para o povo, em uma relação dialógica, horizontal, emancipatória.

Dentro desse projeto de universidade, temos ainda uma longa jornada para romper com a segmentação entre ensino, pesquisa e extensão e com a fragmentação entre as diferentes áreas do conhecimento. O campo da agroecologia é um terreno bastante fértil nesse sentido. Sobretudo nas experiências de pesquisa e extensão, a interlocução entre as áreas e a abordagem com metodologias participativas se fazem presentes. No âmbito no ensino precisamos avançar nessa interlocução e estamos buscando essa construção. As experiências aqui compartilhadas expressam esse vínculo entre as áreas da Enfermagem, Nutrição e Serviço Social.



Destacamos ainda os desafios que permeiam o protagonismo das mulheres. Ao mesmo tempo em que assumimos o cuidado com a família, com a comunidade, com o planeta, uma questão permanece latente: quem cuida de nós, quem cuida das mulheres? A nossa luta é pela liberdade e isso passa pela luta por uma divisão do trabalho e da reprodução social em que homens e mulheres se responsabilizem pelos cuidados mais coletivos, pela luta de que toda mulher tenha uma renda mínima tendo em vista que assume uma função central na sociedade que não é remunerada. O cuidado deve ser desromantizado, pois se trata de uma responsabilidade social e coletiva, que envolve saber e afeto, dores e risos, portanto os sonhos e as vivências de um mundo melhor, sem opressões de grupos e classes sobre outros, sem racismo, sem machismo. Sem feminismo não há transformação, não há agroecologia.

Agradecimentos

Às mulheres agricultoras que constroem em seu cotidiano a defesa da vida com sua riqueza sociobiodiversa.
Ao CNPQ, Proext UFF e Profaex UFRJ.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA. Princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia. I SNEA. Recife, 2013.

SANTOS, Suenya e SCHOTTZ, Vanessa. Mulheres da Articulação de Agroecologia Serra Mar: práticas de educação popular fortalecendo ações em rede. In MARRO, Kátia; BARBOSA, Elizabeth C.V; SANTOS, Suenya. **Caminhos metodológicos, saberes e práticas profissionais e populares em territórios de resistência**. Uberlândia: Navegando, 2021. Disponível em https://www.editoranavegando.com/files/ugd/35e7c6_acd5937d48164f41a668ed0343903222.pdf

SOARES, Lorena P; BÚRIGO, Andre C; SOUZA, Natália A. (ORGS.) **Tecendo redes de experiências em saúde e agroecologia: resultados e reflexões a partir da sistematização de iniciativas construídas pela Fundação Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022.